

# "A DAMA DE BERGAMOTA"

(de Tennessee Williams)

(trad. Thais do Amaral Balloni)

## PEÇA EM 1 ATO

SRA. HARDWICKE-MOORE — (TOM ASPERO E AFETADO) Por favor, quem está aí?

SRA. WIRE — (DE FORA, TOM RUDE) Sou eu!

SRA. HARDWICKE-MOORE — (SEU ROSTO MOSTRANDO PÂNICO MOMENTÂNEO. AVANÇA COM FIRMEZA) Oh... Sra. Wire, entre. Eu ia mesmo até seu quarto para lhe falar uma coisa.

SRA. WIRE — (ENTRA. É UMA MULHER DE SEUS CINQUENTA ANOS, PESADONA E RELAXADA.) Ah, sim? Sobre o quê?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (TENTANDO SER ENGRAÇADA, MAS COM DIFICULDADE DE SORRIR) Sra. Wire, lamento dizer que não considero estas baratas o tipo mais desejável de companheiras de quarto, não está de acordo?

SRA. WIRE — Baratas, hein?

SRA. HARDWICKE-MOORE — Sim, exatamente. Não tive muita experiência com baratas, mas as poucas que vi eram do gênero "pedestre", daquelas que *andam*. Estas, Sra. Wire, me parecem ser baratas *voadoras*! Fiquei chocadíssima, aliás fiquei mesmo foi atônita, quando uma delas levantou vôo e começou a zumbir pelo ar, girando e girando em círculos e só não esbarrou no meu rosto por muito

poucos centímetros. Sra. Wire, sentei-me à beirada desta cama e me debulhei em lágrimas. Eu fiquei tão chocada e desgostosa! Imagine só! Baratas voadoras, que nunca imaginei existirem, zumbindo em voltas e mais voltas ali, na minha frente! Ora, Sra. Wire, queria que soubesse que...

SRA. WIRE — (INTERROMPENDO) Ora, não vejo razão pra tanta surpresa por causa de simples baratas voadoras. Elas estão por toda parte, até mesmo nos bairros mais elegantes. Mas não era bem isto o que eu queria...

SRA. HARDWICKE-MOORE — (INTERROMPENDO) Isto pode ser verdade, Sra. Wire, mas devo lhe dizer que tenho horror a baratas, até das mais comuns, do tipo pedestre, e sobre estas que voam...! Se vou continuar a morar aqui, estas baratas voadoras têm que desaparecer. E desaparecer *imediatamente*!

SRA. WIRE — Como é que vou fazer com que estas baratas voadoras deixem de entrar pelas janelas? Mas isto, de qualquer forma, não era o que eu...

SRA. HARDWICKE-MOORE — (INTERROMPENDO) Eu não sei *como*. Sra. Wire, mas certamente há de haver uma maneira. Tudo o que sei é que temos que nos livrar delas, antes que eu durma aqui mais uma noite, Sra. Wire. Porque se eu acordar de madrugada e encontrar umazinha que for sobre minha cama eu posso ter uma síncope. Juro por Deus, eu simplesmente morreria de convulsões!

SRA. WIRE — Vai me desculpar pelo que vou lhe dizer, Sra. Hardshell-Moore, mas a senhora é o tipo da pessoa que vai morrer mesmo é de bebedeira e não de convulsões de barata! (PEGA — ... UMA LATI-

NHA DE POMADA SOBRE O GAVETEIRO) Mas o quê é isto? Pomada de Bergamota! Ora, *vejam só!*

SRA. HARDWICKE-MOORE — (RUBORIZADA) Eu uso isto para amaciar minhas cutículas.

SRA. WIRE — É, a Senhora é muito exigente!

SRA. HARDWICKE-MOORE — O quê quer dizer com isto?

SRA. WIRE — É que em todo este bairro não há uma só destas casas velhas que não tenha baratas.

SRA. HARDWICKE-MOORE — Mas não esta quantidade absurda, não é? Vou lhe dizer uma coisa: este lugar está realmente empestado!

SRA. WIRE — Não está tão mal assim. A propósito, a senhora ainda não me pagou o restante do aluguel desta semana. Não quero fugir do assunto das baratas, contudo gostaria de receber este dinheiro.

SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu lhe pagarei o resto do aluguel, tão logo a senhora extermine estas baratas!

SRA. WIRE — Ou a senhora me paga imediatamente, ou vai pra rua!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu pretendo sair, se estas baratas não saírem!

SRA. WIRE — Pois então saia e pare de ficar ameaçando!

SRA. HARDWICKE-MOORE — A senhora deve estar louca, eu não posso sair agora!

SRA. WIRE — Então, o quê quis dizer quando falou em baratas?

SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu quis dizer exatamente o que disse: que as baratas não são, na minha opinião, companheiras de quarto muito desejáveis!

SRA. WIRE — Muito bem! Não fique com elas! Arrume suas coisas e mude-se para um lugar onde não haja baratas!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Quer dizer que *insiste* em ficar com as baratas?

SRA. WIRE — Não. Quero dizer que insisto em receber meu aluguel.

SRA. HARDWICKE-MOORE — Neste exato momento isto está fora de cogitação.

SRA. WIRE — Está fora de cogitação?

SRA. HARDWICKE-MOORE — Está sim e vou lhe dizer porque! O pagamento trimestral que recebo do homem que toma conta da minha plantação de borracha, ainda não me foi enviado. Há semanas que espero por ele, mas hoje recebi uma carta pela manhã, dizendo que houve um problema qualquer com os impostos do ano passado e...

SRA. WIRE — Ora, pare com isso! Já ouvi demais sobre suas plantações de borracha! Plantação de borracha no Brasil! Então a senhora pensa que estou neste negócio há dezesete anos e que não aprendi nada sobre mulheres do seu tipo?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (TENSIVA) O que há por trás desta sua observação?

SRA. WIRE — Vai me dizer que os homens que a visitam todas as noites vêm aqui somente para conversar sobre suas plantações de borracha no Brasil?

SRA. HARDWICKE-MOORE — A senhora deve estar maluca para afirmar tal tipo de coisa!

SRA. WIRE — Eu ouço o que ouço e sei muito bem o que vem acontecendo!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu sei que a senhora fica espionando e escutando atrás das portas!

SRA. WIRE — Eu nunca espiono e nem escuto atrás das portas! A primeira coisa que uma senhora do

bairro francês aprende é não *ver e nem ouvir*, somente receber o *aluguel*! Enquanto ele estiver sendo pago, tudo bem, sou cega, surda e muda! Mas a partir do momento em que o dinheiro não vem, recobro minha audição, minha visão e também minha voz. Se necessário for, vou ao telefone e chamo o chefe de polícia, que por coincidência é cunhado de minha irmã! Ontem à noite eu ouvi a discussão sobre aquele dinheiro!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Que discussão? Que dinheiro?

SRA. WIRE — Ele falava tão alto, que tive de fechar a janela da frente pra que a rua inteira não tomasse conhecimento do que estava acontecendo aqui! Não ouvi mencionarem nenhuma plantação de borracha no Brasil! Mas ouvi muitas outras coisas serem ditas na conversinha que tiveram à meia-noite! Pomada de Bergamota... para as cutículas! Está pensando que sou boba, é? Plantação de borracha! Essa, também... não me pega. (A PORTA SE ABRE. O ESCRITOR ENTRA VESTIDO COM UM ROBE-DE-CHAMBRE DE COR PÚRPURA, JÁ VELHO)

ESCRITOR — Pare!

SRA. WIRE — Ah, é você? ESCRITOR — Pare de atormentar esta mulher!

SRA. WIRE — Entrou em cena o segundo senhor Shakespeare!

ESCRITOR — A droga dos seus gritos atormentaram meu sono!

SRA. WIRE — Sono? Ha, ha! Você quer dizer, *entorpecimento causado pela bebida*!

ESCRITOR — Eu tenho necessidade de descansar, por causa da minha doença! Será que não tenho o direito de...

SRA. WIRE — (INTERROMPENDO) Doença... *Alcoolismo*! Não

queira me enganar. Estou contente por ter vindo. Vou repetir agora, prá seu governo, o que já disse a esta senhora. Estou cheia de parasitas! Ficou bem claro agora? Estou pelas tampas com todos vocês: ratos de pensão, mestiços, ébrios e degenerados que tentam enganar todo mundo com mentiras, promessas e delusões.

SRA. HARDWICKE-MOORE — (TAMPANDO OS OUVIDOS) — *Oh, por favor, por favor, por favor*, parem de gritar! Não há necessidade!

SRA. WIRE — (PARA SRA. HARDWICKE) A senhora, com sua plantação de borracha no Brasil. Aquele braço na parede que comprou no ferro-velho... a vendedora me contou tudo! Uma das Hapsburgs! Sim! Uma verdadeira dama! *A Dama de Bergamota! Este é o seu título!*

(A SRA. HARDWICKE-MOORE CHORA DESCONTROLADAMENTE E SE JOGA DE BRUÇOS SOBRE A CAMA).

ESCRITOR — (COM PENA) Pare de importunar esta pobre mulher! Será que não existe mais compaixão no mundo? O que aconteceu, não há mais compreensão? Acabou-se tudo? ~~Onde está o quê? Onde está o quê?~~ (ELE SE APOIA TRÊMULO NO ARMÁRIO) E se não existir nenhuma plantação de borracha no Brasil?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (SENTA-SE ERECTA, MUITO EMOCIONADA) Eu digo que existe, existe sim! (SEU PESCOÇO ESTÁ RETESADO E SUA CABEÇA CAÍDA PARA TRÁS)

ESCRITOR — E daí, se não existir nenhum rei da borracha em sua vida? ~~Mas tem que ter um rei da borracha em sua vida? Devemos culpá-la pelo simples fato dela ter necessidade de~~

compensar as deficiências da realidade exercitando um pouco... como devo dizer?... um pouco da sua bem dotada imaginação?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (JOGANDO-SE NOVAMENTE DE BRUÇOS NA CAMA) Não, não, não, não é... imaginação!

SRA. WIRE — Vou lhe pedir, por favor, que pare de jogar na minha cara estas frases empoladas! O senhor, com sua obra-prima de 780 páginas... faz boa dupla com a Dama de Bergamota, levando-se em conta tão bem dotada imaginação.

ESCRITOR — (COM VOZ CANSA) Ora, ora, muito bem, e se isto que disse for verdade? Suponhamos que não haja nenhuma obra-prima de 780 páginas. (FECHA OS OLHOS E PASSA A MÃO PELO ROSTO) Suponhamos que não haja mesmo nenhuma obra. E que tem isso, Sra. Wire? Somente poucos, muito poucos... rabiscos sem valor... no fundo da minha canastra... Suponha que eu tenha querido ser um grande artista, mas que me faltaram a força e o poder para tal! Suponhamos que meus livros não tenham alcançado seus objetivos no capítulo final e que meus versos sejam enfadonhos e incompletos! Suponha que as cortinas da minha fantasia mais sublime subam e mostrem dramas maravilhosos... mas que as luzes se apaguem antes do pano cair! Suponha que todas estas coisas lamentáveis sejam verdades! E suponha que eu... errando de bar em bar, bebendo um drinque após outro acabe me estatelando no colchão empestado de "chatos" deste bordel... suponha que eu tenha que tornar este pesadelo suportável, enquanto eu for seu herói miserável... Suponha que eu ornamente, ilumine... glori-

fique tudo! Com sonhos, ficções e fantasias! Assim como a existência de uma obra-prima de 780 páginas... pronta para ser produzida pela Broadway... e de maravilhosos volumes de poesias nas mãos dos editores, esperando apenas por uma assinatura para serem liberados! Suponha que eu viva neste lamentável mundo de ficção! Qual a sua satisfação, ~~boa~~ de dilacerar tudo... de aniquilar... de dizer que é *mentira*? Vou lhe dizer uma coisa, agora ouça! Não existem mentiras, a não ser aquelas que são atochadas em nossas bocas pelos punhos da miséria e da necessidade, Sra. Wire! Sim, então eu sou um mentiroso! Mas seu mundo foi feito de mentiras, seu mundo é uma hedionda fábrica de mentiras! Mentiras! Mentiras!... Agora estou cansado. Disse o que tinha de ser dito e não tenho dinheiro para lhe dar, logo suma-se e deixe esta mulher em paz! Deixe-a sozinha. Vamos, saia! Vá embora! (ELE A CONDUZ FIRMEMENTE PARA FORA)

SRA. WIRE — (GRITANDO DO LADO DE FORA) Amanhã pela manhã! Ou recebo meu dinheiro, ou rua! Vocês dois. Os dois juntos! Obra-prima de 780 páginas e plantação de borracha do Brasil! LOROTAS!! (DEVAGAR O ESCRITOR E A MULHER VIRAM-SE E SE ENTREOLHAM, A LUZ DO DIA SE ESMAECE NO CÉU. O ESCRITOR ESTENDE SEUS BRAÇOS, NUM GESTO DE AJUDA, VAGAROSAMENTE E COM FIRMEZA)

SRA. HARDWICKE-MOORE — (DESVIANDO O OLHAR) Baratas! Por toda parte! Nas paredes, no teto, no chão! O lugar está cheio delas.

ESCRITOR — (GENTILMENTE) Eu sei! Acredito que não haja baratas na sua plantação de borracha.

SRA. HARDWICKE-MOORE — (AFTUOSAMENTE) Não, claro que não. Tudo sempre esteve impecável... sempre. *Impecável!* O piso era tão claro e limpo, que brilhava como... espelho!

ESCRITOR — Eu sei. E as janelas... com certeza mostravam uma vista maravilhosa!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Indescritivelmente maravilhosa!

ESCRITOR — A que distância fica do Mediterrâneo?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (CONFUSA) Do Mediterrâneo? Ora, somente uma ou duas milhas!

ESCRITOR — Eu ousaria dizer que, numa manhã clara e límpida, seria possível se ver os cumes brancos de Dover?... Do outro lado do canal?

SRA. HARDWICKE-MOORE — Sim... quando a atmosfera está bem limpa. (SILENCIOSAMENTE O ESCRITOR LHE DÁ UMA GARRAFA DE UISQUE) Obrigada... senhor... senhor... Qual seu nome?

ESCRITOR — Chekhov! Anton Pavlovitch Chekhov!

SRA. HARDWICKE-MOORE — (SORRINDO, COQUETE) Obrigada, Sr. Chekhov.

FIM

# "A DAMA DE BERGAMOTA"

(de Tennessee Williams)

(trad. Thais do Amaral Bailoni)

## PEÇA EM 1 ATO

*Cena 1*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — (TOM ASPERO E AFETADO) Por favor, quem está aí?

*aberto*  
SRA. WIRE — (DE FORA, TOM RUDE) Sou eu!

*aberto*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — (SEU ROSTO MOSTRANDO PÂNICO MOMENTÂNEO. AVANÇA COM FIRMEZA) Oh... Sra. Wire, entre. Eu ia mesmo até seu quarto para lhe falar uma coisa.

SRA. WIRE — (ENTRA. É UMA MULHER DE SEUS CINQUENTA ANOS. PESADONA E RELAXADA) Ah, sim? Sobre o quê?

*de sempre*  
*folha*  
*baratas*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — (TENTANDO SER ENGRAÇADA, MAS COM DIFICULDADE DE SORRIR) Sra. Wire, lamento dizer que não considero estas baratas o tipo mais desejável de companheiras de quarto, não está de acordo?

*suspeita*  
SRA. WIRE — Baratas, hein?

*exatidão*  
*tudo*  
*denúncia*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — Sim, exatamente. Não tive muita experiência com baratas, mas as poucas que vi eram do gênero "pedestre", daquelas que *andam*. Estas, Sra. Wire, me parecem ser baratas voadoras! Fiquei chocadíssima, aliás fiquei mesmo foi atônita, quando uma delas levantou vôo e começou a zumbir pelo ar, girando e girando em círculos e só não esbarrou no meu resto por muito

poucos centímetros. Sra. Wire, sentei-me à beirada desta cama e me debulhei em lágrimas. Eu fiquei tão chocada e desgostosa! Imagine só! Baratas voadoras, que nunca imaginei existirem, zumbindo em voltas e mais voltas ali, na minha frente! Ora, Sra. Wire, queria que soubesse que...

SRA. WIRE — (INTERROMPENDO) Ora, não vejo razão pra tanta surpresa por causa de simples baratas voadoras. Elas estão por toda parte, até mesmo nos bairros mais elegantes. Mas não era bem isto o que eu queria...

SRA. HARDWICKE-MOORE — (INTERROMPENDO) Isto pode ser verdade, Sra. Wire, mas devo lhe dizer que tenho horror a baratas, até das mais comuns, do tipo pedestre, e sobre estas que voam...! Se vou continuar a morar aqui, estas baratas voadoras têm que desaparecer. E desaparecer imediatamente!

SRA. WIRE — Como é que vou fazer com que estas baratas voadoras deixem de entrar pelas janelas? Mas isto, de qualquer forma, não era o que eu...

SRA. HARDWICKE-MOORE — (INTERROMPENDO) Eu não sei como, Sra. Wire, mas certamente há de haver uma maneira. Tudo o que sei é que temos que nos livrar delas, antes que eu durma aqui mais uma noite, Sra. Wire. Porque se eu acordar de madrugada e encontrar umazinha que for sobre minha cama eu posso ter uma síncope. Juro por Deus, eu simplesmente morreria de convulsões!

*Cena 3*  
SRA. WIRE — Vai me desculpar pelo que vou lhe dizer, Sra. Hardshell-Moore, mas a senhora é o tipo da pessoa que vai morrer mesmo é de bebedeira e não de convulsões de barata! (PEGA — ... UMA LATI-

*pega a pomada, si, debocha e fofo, fofo no chão.*  
NHA DE POMADA SOBRE O GAVETEIRO) Mas o quê é isto? Pomada de Bergamota! Ora, vejam só!

*povoar*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — (RUBORIZADA) Eu uso isto para amaciar minhas cutículas.

*debocha, a senhora*  
SRA. WIRE — É, a Senhora é muito exigente!

*interferir*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — O que quer dizer com isto?

*depende*  
SRA. WIRE — É que em todo este bairro não há uma só destas casas velhas que não tenha baratas.

*debocha*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — Mas não esta quantidade absurda, não é? Vou lhe dizer uma coisa: este lugar está realmente empestado!

*aberto*  
SRA. WIRE — Não está tão mal assim. A propósito, a senhora ainda não me pagou o restante do aluguel desta semana. Não quero fugir do assunto das baratas, contudo gostaria de receber este dinheiro.

*aberto*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu lhe pagarei o resto do aluguel, tão logo a senhora extermine estas baratas!

*aberto*  
SRA. WIRE — Ou a senhora me paga imediatamente, ou vai pra rua!

*aberto*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu pretendo sair, se estas baratas não saírem!

*aberto*  
SRA. WIRE — Pois então saia e pare de ficar ameaçando!

*aberto*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — A senhora deve estar louca, eu não posso sair agora!

*aberto*  
SRA. WIRE — Então, o quê quis dizer quando falou em baratas?

*aberto*  
SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu quis dizer exatamente o que disse: que as baratas não são, na minha opinião, companheiras de quarto muito desejáveis!

*aberto*  
SRA. WIRE — Muito bem! Não fique com elas! Arrume suas coisas e mude-se para um lugar onde não haja baratas!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Quer dizer que *insiste* em ficar com as baratas?

SRA. WIRE — Não. Quero dizer que *insisto* em receber meu aluguel.

SRA. HARDWICKE-MOORE — Neste exato momento isto está fora de cogitação.

SRA. WIRE — Está fora de cogitação?

SRA. HARDWICKE-MOORE — Está sim e vou lhe dizer porque! O pagamento trimestral que recebo do homem que toma conta da minha plantação de borracha, ainda não me foi enviado. Há semanas que espero por ele, mas hoje recebi uma carta pela manhã, dizendo que houve um problema qualquer com os impostos do ano passado e...

SRA. WIRE — Ora, pare com isso! Já ouvi demais sobre suas plantações de borracha! Plantação de borracha no Brasil! Então a senhora pensa que estou neste negócio há dezesete anos e que não aprendi nada sobre mulheres do seu tipo?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (TENSAS) O que há por trás desta sua observação?

SRA. WIRE — Vai me dizer que os homens que a vistam todas as noites vêm aqui somente para conversar sobre suas plantações de borracha no Brasil?

SRA. HARDWICKE-MOORE — A senhora deve estar maluca para afirmar tal tipo de coisa!

SRA. WIRE — Eu ouço o que ouço e sei muito bem o que vem acontecendo!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Eu sei que a senhora fica espionando e escutando atrás das portas!

SRA. WIRE — Eu nunca espiono e nem escuto atrás das portas! A primeira coisa que uma senhoria do

*Desafiar*  
bairro francês aprende é não ver e nem ouvir, somente receber o aluguel! Enquanto ele estiver sendo pago, tudo bem, sou cega, surda e muda! Mas a partir do momento em que o dinheiro não vem, recobro minha audição, minha visão e também minha voz. Se necessário for, vou ao telefone e chamo o chefe de polícia, que por coincidência é cunhado de minha irmã! Ontem à noite eu ouvi a discussão sobre aquele dinheiro!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Quê discussão? Quê dinheiro?

SRA. WIRE — Ele falava tão alto, que tive de fechar a janela da frente pra que a rua inteira não tomasse conhecimento do que estava acontecendo aqui! Não ouvi mencionarem nenhuma plantação de borracha no Brasil! Mas ouvi muitas outras coisas serem ditas na conversinha que tiveram à meia-noite! Pomada de Bergamota... para as cutículas! Está pensando que sou boba, é? Plantação de borracha! Essa, também... não me pega.

(A PORTA SE ABRE. O ESCRITOR ENTRA VESTIDO COM UM ROBE-DE-CHAMBRE DE COR PÚRPURA, JÁ VELHO)

ESCRITOR — Pare!

SRA. WIRE — Ah, é você?

ESCRITOR — Pare de atormentar esta mulher!

SRA. WIRE — Entrou em cena o segundo senhor Shakespeare!

ESCRITOR — A droga dos seus gritos atormentaram meu sono!

SRA. WIRE — Sono? Ha, ha! Você quer dizer, entorpecimento causado pela bebida!

ESCRITOR — Eu tenho necessidade de descansar, por causa da minha doença! Será que não tenho o direito de...

SRA. WIRE — (INTERROMPENDO) Doença... Alcoolismo! Não

queira me enganar. Estou contente por ter vindo. Vou repetir agora, prá seu governo, o que já disse a esta senhora. Estou cheia de parasitas! Ficou bem claro agora? Estou pelas tampas com todos vocês: ratos de pensão, mestiços, ébrios e degenerados que tentam enganar todo mundo com mentiras, promessas e desilusões.

SRA. HARDWICKE-MOORE — (TAMPANDO OS OUVIDOS) — Oh, por favor, por favor, por favor, parem de gritar! Não há necessidade!

SRA. WIRE — (PARA SRA. HARDWICKE) A senhora, com sua plantação de borracha no Brasil. Aquele braço na parede que comprou no ferro-velho... a vendedora me contou tudo! Uma das Hapsburgs! Sim! Uma verdadeira dama! A Dama de Bergamota! Este é o seu título!

(A SRA. HARDWICKE-MOORE CHORA DESCONTROLADAMENTE E SE JOGA DE BRUÇOS SOBRE A CAMA).

ESCRITOR — (COM PENA) Pare de importunar esta pobre mulher! Será que não existe mais compaixão no mundo? O quê aconteceu, não há mais compreensão? Acabou-se tudo? Onde está Deus? Onde está Jesus Cristo? (ELE SE APOIA TRÊMULO NO ARMÁRIO) E se não existir nenhuma plantação de borracha no Brasil?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (SENTA-SE ERECTA, MUITO EMOCIONADA) Eu digo que existe, existe sim! (SEU PESCOÇO ESTÁ RETESADO E SUA CABEÇA CAÍDA PARA TRÁS)

ESCRITOR — E daí, se não existir nenhum rei da borracha em sua vida? Mas tem que ter um rei da borracha em sua vida? Devemos culpá-la pelo simples fato dela ter necessidade de

compensar as deficiências da realidade exercitando um pouco... como devo dizer?... um pouco da sua bem dotada imaginação?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (JOGANDO-SE NOVAMENTE DE BRUÇOS NA CAMA) Não, não, não, não é... imaginação!

SRA. WIRE — Vou lhe pedir, por favor, que pare de jogar na minha cara estas frases empoladas! O senhor, com sua obra-prima de 780 páginas... faz boa dupla com a Dama de Bergamota, levando-se em conta tão bem dotada imaginação.

ESCRITOR — (COM VOZ CANSADA) Ora, ora, muito bem, e se isto que disse for verdade? Suponhamos que não haja nenhuma obra-prima de 780 páginas. (FECHA OS OLHOS E PASSA A MÃO PELO ROSTO) Suponhamos que não haja mesmo nenhuma obra. E que tem isso, Sra. Wire? Somente poucos, muito poucos... rabiscos sem valor... no fundo da minha canastra... Suponha que eu tenha querido ser um grande artista, mas que me faltaram a força e o poder para tal! Suponhamos que meus livros não tenham alcançado seus objetivos no capítulo final e que meus versos sejam enfadonhos e incompletos! Suponha que as cortinas da minha fantasia mais sublime subam e mostrem dramas maravilhosos... mas que as luzes se apaguem antes do pano cair! Suponha que todas estas coisas lamentáveis sejam verdades! E suponha que eu... errando de bar em bar, bebendo um drinque após outro acabe me estatelando no colchão empestado de "chatos" deste bordel... suponha que eu tenha que tornar este pesadelo suportável, enquanto eu for seu herói miserável... Suponha que eu ornamente, ilumine... glori-

fique tudo! Com sonhos, ficções e fantasias! Assim como a existência de uma obra-prima de 780 páginas... pronta para ser produzida pela Broadway... e de maravilhosos volumes de poesias nas mãos dos editores, esperando apenas por uma assinatura para serem liberados! Suponha que eu viva neste lamentável mundo de ficção! Qual a sua satisfação, boa mulher, de dilacerar tudo... de aniquilar... de dizer que é mentira? Vou lhe dizer uma coisa, agora ouça! Não existem mentiras, a não ser aquelas que são atochadas em nossas bocas pelos punhos da miséria e da necessidade, Sra. Wire! Sim, então eu sou um mentiroso! Mas seu mundo foi feito de mentiras, seu mundo é uma hedionda fábrica de mentiras! Mentiras! Mentiras!... Agora estou cansado. Disse o que tinha de ser dito e não tenho dinheiro para lhe dar, logo suma-se e deixe esta mulher em paz! Deixe-a sozinha. Vamos, saia! Vá embora! (ELE A CONDUZ FIRMEMENTE PARA FORA)

SRA. WIRE — (GRITANDO DO LADO DE FORA) Amanhã pela manhã! Ou recebo meu dinheiro, ou rua! Vocês dois. Os dois juntos! Obra-prima de 780 páginas e plantação de borracha do Brasil! LOROTAS!! (DEVAGAR O ESCRITOR E A MULHER VIRAM-SE E SE ENTREOLHAM, A LUZ DO DIA SE ESMAECE NO CÉU. O ESCRITOR ESTENDE SEUS BRAÇOS NUM GESTO DE AJUDA, VAGAROSAMENTE E COM FIRMEZA)

SRA. HARDWICKE-MOORE — (DESVIANDO O OLHAR) Baratas! Por toda parte! Nas paredes, no teto, no chão! O lugar está cheio delas.

ESCRITOR — (GENTILMENTE) Eu sei. Acredito que não haja baratas na sua plantação de borracha.

SRA. HARDWICKE-MOORE — (AFETUOSAMENTE) Não, claro que não. Tudo sempre esteve impecável... sempre. Impecável! O piso era tão claro e limpo, que brilhava como... espelho!

ESCRITOR — Eu sei. E as janelas... com certeza mostravam uma vista maravilhosa!

SRA. HARDWICKE-MOORE — Indescritivelmente maravilhosa!

ESCRITOR — A que distância fica do Mediterrâneo?

SRA. HARDWICKE-MOORE — (CONFUSA) Do Mediterrâneo? Ora, somente uma ou duas milhas!

ESCRITOR — Eu ousaria dizer que, numa manhã clara e límpida, seria possível se ver os cumes brancos de Dover?... Do outro lado do canal?

SRA. HARDWICKE-MOORE — Sim... quando a atmosfera está bem limpa. (SILENCIOSAMENTE O ESCRITOR LHE DÁ UMA GARRAFA DE UISQUE) Obrigada... senhor... senhor... Qual seu nome?

ESCRITOR — Chekhov! Anton Pavlovitch Chekhov!

SRA. HARDWICKE-MOORE — (SORRINDO, COQUETE) Obrigada, Sr. Chekhov.

FIM